
Notas Bibliográficas

WALDENFELS, Hans: *Einführung in die Theologie der Offenbarung*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1996. 148 pp., 21,5 X 13,5 cm. ISBN 3-534-11864-2.

O A. tem uma longa e plural biografia atrás de si. Missionário no Japão com docência em diversos lugares. Além disso, publicou muitas obras no campo da teologia fundamental, da Revelação, do Diálogo inter-religioso, especialmente entre Budismo e Cristianismo.

É um livro relativamente breve, conciso e bem elaborado sobre a Revelação. Tem o objetivo de ser uma introdução. O termo "revelação", que em alemão tem outra raiz, mereceu algumas linhas sob o aspecto terminológico, etimológico. Recorrendo à língua latina – *revelatio* com a raiz *velum* (véu) – alude ao des-velar, "tirar o véu" de algo escondido – uma coisa, uma pessoa, um segredo, um mistério. O mesmo vale do termo grego *apokaluptein*. O conceito de desvelamento não será, de modo nenhum, o sentido dominante no mundo bíblico para a realidade da revelação. No sentido religioso, Deus é o sujeito da revelação. Perguntar pela revelação é perguntar por Deus.

Em bom estilo europeu, o A. percorre, como o clássico livro de R. Latourelle, a história da revelação. Começa com o Antigo Testamento onde não se trata de provar a existência de Deus, mas de manifestar sua presença e ação: o que ele faz, quer e é. Para isso, o livro estuda as expressões do *Shemá* "ouve Israel", Palavra de Deus, ver a Deus, glória de Deus, nome de Deus e as maneiras da revelação. No Novo Testamento, a revelação se concentra em Jesus. Existem também a tradição paulina e a perspectiva joanina. E na tradição da Igreja, o A. estuda desde os Padres da Igreja até o Vaticano II. Esse itinerário não é original. É clássico. O A., no entanto, consegue oferecer uma leitura exata e concisa de modo que o leitor termina o percurso com uma idéia bem ampla da história da revelação.

Uma parte mais original aborda a questão do pluralismo cultural da modernidade e pós-modernidade como desafio para a revelação cristã, que, à primeira vista, parece pouco conatural com ele. Estamos no fim da era do colonialismo, numa sociedade da informação e multicultural. Tal realidade fere fundo a unidade obrigatória em diversos campos, durante muito tempo sustentada.

Sem dúvida, a experiência missionária num país de minoria mínima cristã e de forte presença budista despertou-o para a questão da revelação no mundo da pluralidade de religiões. Reflete sobre a dialética entre unidade e pluralidade. Expõe rapidamente os três modelos conhecidos do exclusivismo, inclusivismo e pluralismo. O A. termina afirmando que a última palavra sobre Deus não têm as

religiões nem as teologias da revelação, mas o próprio Deus. “O discurso da revelação não pode substituir o discurso de Deus”. Apesar de certa abertura para o discurso inter-religioso, o texto é muito eurocêntrico, o que aparece na bibliografia usada e conhecida. Permanece preso às perguntas da modernidade ocidental dos países centrais. Desconhece o Terceiro Mundo dos pobres, como um problema também da revelação. Como Deus se revela no mundo dos pobres? Sobre isso, nenhuma palavra. No índice temático não aparecem palavras como pobre, libertação, práxis, como se a prática libertadora dos pobres não tivesse nada a ver com a revelação e esta com ela, num cristianismo em que Jesus se fez pobre. São os limites de uma teologia acadêmica em que a perspectiva pastoral entra secundariamente.

JBL

BERGER, Klaus: *Ist Christsein der einzige Weg?* Stuttgart: Quell, 1997. 216 pp., 20,5 X 12,3 cm. ISBN 3-7918-1954-2.

É um biblista que trabalha o tema da salvação para o cristão e não cristão, e a relação entre essas duas realidades. As perguntas são variadas, mas, no fundo, trata-se de refletir sobre o papel salvífico de Jesus Cristo para cristãos e não cristãos. E daí nasce a questão da missão. Vive-se um universo cultural pós-moderno de tal tolerância e pluralismo que não se entende nenhuma prescrição vinculante, nenhuma pretensão de absolutismo ético ou religioso.

O A. confessa, logo de início, que não sabemos sobre o destino salvífico das pessoas, das religiões. Só Deus conhece esses caminhos. Não precisa ser cristão, para ser bem-aventurado. É-se bem-aventurado por meio de Jesus Cristo. Atravessa o NT uma tensão entre particularidade e universalidade do agir de Deus na história. A bíblia sendo um livro histórico, a originalidade do cristianismo é vista historicamente e, por isso, culturalmente condicionada.

Ao tratar da salvação para os não cristãos, o texto refere-se a citações bíblicas. Em Mt 25,31-46, fala-se do juízo sobre todos os povos, segundo o critério, não da lei, mas daquilo que se fez ao próximo. Hb 11,1-12,3 fala da caminhada dos povos – pagãos, judeus e cristãos – na trilha da fé. Não se trata da fé em Jesus nem em Deus. A fé é uma força dada por Deus para suportar, ousar, enfrentar contradições e rejeições. 1Pd 3-4 refere-se à misteriosa salvação para os mortos.

Noutro momento, o A. aborda a revelação de Deus fora do mundo bíblico, no tempo de Jesus, a redenção somente por Jesus Cristo, a pluralidade no cristianismo primitivo, sua função vicária e o juízo do cristianismo primitivo a respeito das religiões não cristãs. Temas interessantes, de atualidade, que o autor aborda concisamente e com tacto pastoral.

Considerando uma questão ocidental, pergunta-se pela tensão entre pluralidade e unidade, pela questão do conceito de Deus ou de uma divindade, pela imagem gnóstica de Deus, por Deus como pessoa, pelo significado da pesquisa da história das religiões para essa questão. Considera uma virada copernicana a nova teoria liberal da religião, que é a posição comumente chamada de pluralista.

Avança a reflexão mostrando a impossibilidade de a fé evitar a história. A questão da historicidade é fundamental e se prolonga no capítulo seguinte com o problema da pergunta pela verdade. Duas atitudes pastorais se impõem em tensão: diálogo e missão. O livro termina com a parábola dos anéis de Lessing. Três anéis são deixados aos filhos, sendo um só o milagroso. Mas eram tão iguais que não se conseguia distinguir o milagroso dos outros. Recorreu-se então à conduta do portador. Os três anéis são a três religiões monoteístas e, no fundo, vale a vida que leva o fiel e não o fato de pertencer a uma ou outra religião, já que não se consegue distinguir com a razão qual é a única verdadeira, embora haja uma verdadeira teoricamente.

É um livro que oferece elementos excelentes para o cristão situar-se coerentemente em meio ao pluralismo religioso, conservando a atitude autêntica de fidelidade à sua verdade e à identidade e de abertura às outras religiões sem orgulho e prepotência.

JBL

K. J. VANHOOZER, Kevin J. (ed.): *The Cambridge Companion to Postmodern Theology*, Cambridge: Cambridge University Press, 22, 5 x 15 cm. 295 pp. ISBN 0-521-79395-5

Livro muito consistente que aborda amplamente a questão da modernidade na teologia. Obra conjunta de vários autores de origem britânica e norteamericana. Escritores de ponta de grandes universidades americanas e outras. Por trás está a pergunta se é possível uma teologia pós-moderna ou se a pós-modernidade significa o fim da teologia ou novo começo.

A primeira parte examina as teologias que se denominaram pós-modernas: teologia pós-liberal, pós-metafísica, desconstrutiva, reconstrutiva, feminista e ortodoxa radical. Numa segunda parte, examina certos pontos fundamentais da teologia, como Escritura e Tradição, método teológico, Trindade, Deus e mundo, pessoa humana, Cristo e salvação, eclesiologia e Espírito Santo e espiritualidade numa perspectiva pós-moderna. Não se descreve a teologia pós-moderna, mas pratica-se tal teologia.

JBL

PELLETIER, Anne-Marie: *D'âge en âge, les Écritures; la Bible et l'herméneutique contemporaine* = Le livre et le rouleau, 18. Bruxelles: Lessius. 176 pp., 20,5 X 15cm. ISBN 2-87299-126-3.

As hermenêuticas modernas, diz a Autora, nos “instalam facilmente no conforto mole e perigoso de um ecumenismo hermenêutico, que dá validade a qualquer leitura pessoal, justificada pelo mero fato de existir” (143). Já Erasmo disse: “A Escritura tem um nariz de cera”, como aquelas estátuas de mármore branca, cujo nariz, quando decepado por vândalos, era substituído por uma prótese de cera, que com o calor do sol se prestava a qualquer tipo de manipulação...

Para nos orientar nessa situação, a A. desenvolve, em cinco capítulos, uma introdução à hermenêutica bíblica contemporânea, com amplo aproveitamento das lições dos nossos antepassados. No cap. I, trata, com pinceladas acertadas, da crítica histórica que desde a Renascença se impôs à leitura da Bíblia. Sendo bastante conhecida essa matéria, nossa atenção vai antes ao cap. II, que trata da “leitura reencontrada” ou “a história de outra maneira”, desembocando na “segunda ingenuidade” - narrativa, não historicista - descrita por P. Ricoeur, com a devida passagem pelos clássicos da hermenêutica moderna: Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, Gadamer. E nos faz conhecer também os princípios da análise literária “formalista” e o tema do “mundo do texto”.

É no cap. III que a A. aborda, propriamente, a “escritura bíblica” ou “a interpretação como princípio e fim”. Mostra a contínua presença da releitura tanto no Novo como no Primeiro Testamento, lançando mão dos conceitos de P. Beauchamp e outros. A leitura é interpretação, é re-enunciar o texto, tornando o leitor cúmplice da significância. Isso é fundamental para a leitura da Bíblia no quadro da tradição litúrgica: a Palavra hoje.

O cap. IV fala da “tradição irrevogável”, desde a *parádisos* dos Antigos até a *Wirkungsgeschichte* de Gadamer, e focaliza, depois da (superficial) crítica de Habermas a Gadamer, a abordagem pós-crítica de Ricoeur. A tradição é reabilitada, não como objeto de apego (as “tradições humanas”, criticadas por Jesus e pelos Reformadores), mas como ambiente vital da leitura em continuidade ativa e criativa com o sentido fundador que lhe presidiu. Daí pode abordar, no cap. V, a abertura do sentido bíblico na diversidade de leituras, bem como as consequências da “polifonia” que a análise literária com facilidade encontra nos textos bíblicos e mais ainda na Bíblia em seu conjunto. E neste empenho, exatamente, surge a questão de distinguir entre leituras valiosas e outras, efêmeras e sem fôlego. Com Umberto Eco, a A. confirma o papel orientador e re-generador do sentido original visado pelo autor ou pela comunidade autoral. Lembra a alteridade do texto, o qual deve ser abordado com santo respeito: o texto é um outro, e me faz conhecer a mim mesmo como outro (cf. Ricoeur). Assim, conforme a palavra de Gregório Magno, “o texto cresce com seu leitor”.

Riqueza do livro é a contínua referência à literatura antiga e moderna. Não se confina dentro do nicho teológico-dogmático ou eclesiástico. É legível para qualquer pessoa que entenda de literatura e de leitura. A tradução brasileira há de sair na coleção Bíblica da Ed. Loyola.

J K